

## *Avançando nas Desoras*

\*

Avançando nas desoras  
Entro para dentro dos sinos  
E oiço mundos perdidos,  
Fumos que levantam  
Da areia molhada na clepsidra  
A música suave das palavras  
Milenares, buscam a sombra  
Desconhecida do seu rosto.  
Na tapeçaria de fios enrolados  
Por abutres e falcões,  
Cicoamangas, águias audazes e pássaros agoirentos  
De longos narizes afiados  
Entre sulcos e penumbras;  
Na tapeçaria das areias enroladas  
Onde o mar deixou os resíduos sem adjectivos,  
Onde ficou apenas a música suave das palavras  
Lentas, a dignidade silenciosa e mágica da noite  
Enquanto escoavam  
Nas órbitas vazias  
Com olhos revirados  
Fitando mundos  
Que só pressentimos  
Por uma vaga ténue,  
Rápida e voraz  
Insinuando as órbitas  
Vazias, desaparecidas  
Quando contentes  
Fixavam a luz  
Que a terra apenas  
O oiro das imagens  
Consentia, voláteis,  
Breves, incompletas.

\*

Avançando nas desoras  
Do presente o vestígio ralo dos jardins,  
Submergimos na inércia.  
Na parede ressequida uma palavra gasta,  
Mal escrita, perde o conteúdo  
E passa distraída com a sua tinta.

(oalemhomem.blogspot.com)

\*

Avançando nas desoras  
Há-de, por tanto, haver,  
Há-de haver uma razão para não  
Falar.  
Há-de haver uma razão para  
Não.  
Há mais que uma razão  
Para  
Haver uma  
Razão  
Mais.

(Luanda, 10-03-2004)

\*

## AGORA E NA HORA DA NOSSA MORTE

Avançando nas desoras  
nas desora da verdade  
ficas sempre só,  
inteiramente só.  
Como um herói resistirás  
até ao fim;  
podes rasgar as carnes  
À iniquidade e a tua voz  
Leonina vencerá silêncios  
Agressivos. Porém,  
todos te abandonaram.  
Ninguém mais no plaiño das desoras.  
No areal adverso o teu vulto cerra-se e erra,  
com o braço ergue a lança para riscar os céus  
Porque estás só, inteiramente só.  
Nada fará com que deixes de senti-lo.  
E mesmo Deus, que a tudo assiste  
com a Sua ausência no palco vazio,  
mesmo Deus, hás-de senti-lo, por um momento  
se retira.

(oalemhomem.blogspot.com)

\*

Avançando nas desoras  
vi o teu corpo negro meio  
engolido pelo ouro das areias  
na praia deserta e rochosa  
e vi cristais de sal brilhante  
secando sobre os lábios  
mudos, pobre menino do fim  
do império que vais  
construindo sobre as ruínas  
dos antigos senhorios,  
com tua pacífica invasão,  
sob as migalhas e os cantos  
das cigarras. Vi o teu corpo  
negro meio engolido e rezei  
pelo ventre longínquo e ouvi  
o grito ventríloquo e certo  
de tua mãe explodir  
na espuma das rochas negras.

(Santa Marinella, Itália)

\*

avançando nas desoras  
à sombra da mafumeira  
grande o caracol  
dobra o papiro de mil anos.

\*

avançando nas desoras  
a aranha bêbeda  
arma a sua teia  
com fulgor de asas.

avançando nas desoras, Dino Campani, *Canti Orfici*, 1915, fragmento [2] («La Notte»):

“Inconscientemente eu atirei os olhos à torre bárbara que domina a avenida longuíssima dos plátanos. Sobre o silêncio tornado intenso ela revivia o seu mito longínquo e selvagem: enquanto por visões distantes, por sensações obscuras e violentas um outro mito, ainda ele místico e selvagem, me acorria à mente de rompante. Lá em baixo tinham trazido as longas vestes molemente para o esplendor vago da porta os passeantes, os antigos; o campo entorpecia agora nas redes de canais: raparigas de vestidos ágeis, com perfis de medalha, desapareciam de repente sobre os carreiros atrás das curvas verdes. Um toque de campainha argentino e doce de distância: a Noite: na igreja solitária, à sombra das modestas naves, eu estreitava-A, pelas carnes róseas e pelos acesos olhos fugitivos: anos e anos e anos fundiam-se na doçura triunfal da recordação”.

...“mas a tarde fazia descer mensagens de ouro dos arrepios frescos da noite” ...  
(fragmento [8])

“debruçavam-se sobre as cancelas de prata das primeiras aventuras as antigas imagens, dulcificadas por uma vida de amor, a proteger-me ainda com o seu sorriso de uma misericordiosa, encantadora ternura. Abriam-se os fechados pátios onde a luz afunda como dentro dos espelhos ao infinito, aparecendo as imagens aventurosas das cortesãs na luz dos espelhos empalidecidos na sua atitude de esfinge: e ainda tudo aquilo que era ressequido e doce, desfloradas as rosas da juventude, tornava a reviver sob o panorama esquelético do mundo”  
(fragmento [10])

“No odor pírico das tardes de feira, no ar os últimos clangores, via as antiquíssimas adolescentes das primeiras ilusões perfilarem-se a meio das pontes projectadas da cidade para os subúrbios nas tardes de Verão tórrido: voltadas a três quartos, ouvindo do subúrbio o clangor que se acentua anunciando as línguas de fogo das lâmpadas inquietas a trivelar a atmosfera carregada de luzes orgiásticas: agora dulcificada: no já morto céu terno e rosado aligeiradas por um véu: assim como Santa Marta, quebrados pelo chão os instrumentos, calado já sobre as sempre verdes paisagens o canto que o coração de Santa Cecília combina com o céu latino doce e rosada rente ao crepúsculo antigo na linha heróica da grande figura romana fechada. Recordações de ciganos recordações de amores longínquos, recordações dos sons e das luzes: cansaços de amor, cansaços improvisados sobre o leito de uma taberna longínqua, outro berço aventuroso de incerteza e arrependimento: como aquele



que, ainda árido e doce, desfolhadas as flores da juventude, surgia sob o panorama esquelético do mundo” (fragmento [11])

“Na tarde dos fogos da festa de Verão, na luz deliciosa e branca, quando os nossos ouvidos mal repousavam no silêncio e os nossos olhos estavam cansados das girândolas de fogo, das estrelas multicores que tinham deixado um odor pírico, uma vermelha gravidade vaga no ar, e o caminhar junto que tinha enlanguescido exaltando-se de uma nossa muito diversa beleza, aquela fina e morena, pura nos olhos e no rosto, perdido o ofuscante esplendor do colar” ...  
(fragmento [12])

\*

Mas avançando nas desoras não queria, também não queria, deixar de conversar e sabia que as palavras, cheias de silêncios, se apoiam umas nas outras para subir. Então? Não vos desampare o desaforo: fomos todos iguais. Avançando nas desoras as palavras depois explodiam dos cordões umbilicais para os vastos artefactos sem mentiras piedosas. E era o mel dos ossos, coado nos troncos das árvores com unhas afiadas ao sol, que alimentava aquela paixão pelo deus cornífero, senhor dos cães selvagens e da caça alentada. Avançando nas desoras era a coagem do mel que dava corpo ao círculo ritual das vidas e das mortes. Sobrevoavam-nos visões de mulheres a lavar no rio, a bater milho, fugidias. Avançando nas desoras. Havia nuvens escuras que vinham de repente com rumores de dança trágica, explosões e tambores ao alto e o milho crescia de novo lavando os corpos cortados pela corrente excessiva. Avançando nas desoras a farinha amarela subia os braços abertos em forma de chifres e lavava-nos as rodas dos olhos enquanto os animais assustados satirizavam deuses com teorias de chifres a crescer do alto céu sentado no lombo de um asno. As mestras da colheita olhavam-nos disfarçadas e frenéticas, reviravam os olhos com o mel das árvores e nós corríamos para a morte nas pradarias do cinema,  
sob o perfil de um cão  
que uiva prá lua  
contra seu dono e feitor.

Também se conta, em relatos separados, que o senhor dos caminhos veio sigilosamente do Egipto avançando nas desoras e as bruxas saíram dos caminhos a voar entregando-se finalmente à salvação do planeta. O mundo era uma árvore sagrada e as palavras coadas à sua sombra avançavam nas desoras sigilosamente para encontrar o delta do Nilo na crise geral do sentido em que mergulharam as sombras chinesas.

(20-10-2006)

\*

Avançando nas desoras ri-me pensativo da longa persistência dos estudos da redenção, da linguagem e do conhecimento na biopsia dos testículos esteréis. Vem e segue-me: renascem continuamente, levantam-se para caírem mais à frente no húmus desajeitado que será talvez a dissidência da sua vocação de escória. Vem e segue-me: em nome de um Deus-pai reanimados, avançam nas desoras para as sementes que os absorvem, numa estória de bichos do mato, sobre um casco de pedras sifilíticas, hipodérmicas e ulceradas. Avançam para as novas largadas de cartilha alternativa, quilha colonial e espírito de aventura atirado à noite sobre as dunas. Conchas leves, ondulantes e afirmativas nos milagres da mão parando as desoras. Das folhas mortas, sem cor já, pisadas, esquartejadas, a desfazer-se em água e terra podre, cogumelos e líquenes, o parasita vem salvar as políticas de cooperação para a inenarrável memória dos dejectos que alimentaram os príncipes no sacrifício propiciatório dos rituais de vítimas animadas. E no entanto é possível encontrarmos razões para cantar. Inevitavelmente nos depuramos para deixar em letras de ouro chamejante o nosso corpo no livro das bem amadas. É o consolo da fuga nas desoras da verdade. Conquista agrícola, sem dúvida, mas também hidráulica, alvorecendo mãos desconhecidas com a luz esperançada que chispa nos olhos aflitos dos emigrantes que chegam escondidos para descobrir as paralogias da glória. Porém, se lhes deres espaço, eles roubarão versos extirpados das entranhas. E aí sim, terás razão para cantar.

(21-10-2006)

\*

...mas fontes seguras informam-nos de que o cidadão é um repertório itinerante no silêncio da flora avançando nas desoras. A jovem África trova o bebé negro de uma fada loira muito nua (meia face de sol, a tarde finda) e há um silêncio que fica, se expele, jorra múrmuro no silêncio da cor, concreto, frágil, intraduzível, atento como uma rua deserta. Na aquarela dispersa dos dias a teimosia do percurso é o único sentido ainda, a própria itinerância sem limites cerceando as frescas sombras. Avançava decidido na forma virtual do instante, os cucos dos relógios esqueciam-se das horas e o repertório migrava contra os grilos de Satanás na polpa vermelha dos marimbondos, que é o que fica dos colóquios hídricos roendo verdejante a rígida secura das ervas mortas. Segue. Ainda que a húmida lógica das ondas seja a que faz mover a terra, irremediavelmente estarão perdidas as conversas sem vestígios de milagre, de um milagre superior aos sustos em que se vive. Uma fada loira muito nua converteu-se ao sincronismo anti-genético dos jagas – e, no entanto, o jaguar negro dos jagas dormia sobre o capim ralo nas asas de um voo alimentado pelo epigrama alquímico das nuvens carregadas. Só a palavra milagrosa ouvi, a criança trazida pelas aves por exemplo. Escuto-a, ainda a escuto, amanhece latejante na absoluta incerteza do presente sobre as serpentes de pedras escaldantes. Não te movas agora e o silêncio nocturno dos olhos fechados fará mexer o mundo com essa única palavra imprevisível, aquela que muda as

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

